

O caso @Pontifex e a reconstrução do religioso em dispositivos conexiais

@Pontifex and the reconstruction of the religious in connectial dispositifs

Moisés Sbardelotto | Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos
Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos),
São Leopoldo/ RS. Bolsista do CNPq.

Resumo

Este artigo reflete sobre a mediatização digital da religião e a apropriação das redes sociodigitais por indivíduos e instituições religiosas, com foco no catolicismo. Analisa-se a presença do Papa Bento XVI no Twitter, em sua atividade na conta @Pontifex, examinando três âmbitos centrais: a plataforma Twitter e a sua apropriação eclesial; a conta @Pontifex e a práxis comunicacional do Papa Bento XVI no Twitter; e a reapropriação e reconstrução de construtos sociais católicos no Twitter a partir da renúncia de Bento XVI.

Palavras-Chave: Mediatização da religião; dispositivos conexiais; circulação.

Abstract

The article reflects on the digital mediatization of religion and the appropriation of socio-digital networks by individuals and religious institutions, focusing on Catholicism. It analyzes the presence of Pope Benedict XVI on Twitter, in his activity in the account @Pontifex, examining three core points: the Twitter platform and its appropriation by the Catholic Church; the account @Pontifex and the communicational praxis of Pope Benedict XVI on Twitter; and the reappropriation and reconstruction of Catholic social constructs on Twitter from the abdication of Benedict XVI.

Keywords: Mediatization of religion; connectial dispositifs; circulation.

Introdução

Em um período histórico em que os processos de comunicação midiática se tornam generalizados, especialmente a partir das mídias digitais. As redes sociodigitais vão se tornando ambientes online de sociabilidade, em que se manifestam intensas trocas comunicacionais, atemporais e aespaciais, entre internautas. Nesses ambientes, a vida social encontra-se em constante pulsação a partir das conversas sobre “o que está acontecendo”¹. Nessas interações sociais tecnologicamente mediadas, as práticas culturais da sociedade trazem consigo lógicas e dinâmicas midiaticizadas, que envolvem também o fenômeno religioso em geral e instituições sociais como as Igrejas.

A internet, assim, passa a ser também um ambiente para práticas religiosas, caracterizando um fenômeno de midiaticização da religião. Nessa nova ambiência social, impulsionada pelas mídias digitais, as Igrejas precisam se reposicionar e vão sendo impelidas pela nova complexidade social a modificar suas próprias estruturas comunicacionais e sistemas internos e externos de significação do sagrado. Formam-se, assim, “novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto” (SBARDELOTTO, 2012, p. 312). Nisso também se encontra mais uma das facetas de uma sociedade em midiaticização, pois, além de ser fonte de informação, o meio comunicacional passa a ser também uma ambiência social de vivência, de prática e de experiência da fé. Em nosso caso específico, interessamo-nos por uma faceta desse religioso, a saber, o catolicismo. Assim, a experiência e a tradição das crenças, discursos e práticas católicos, via mídias, vão sendo ressignificadas social e culturalmente no processo de midiaticização. Esse cruzamento e deslocamento de sentidos fomenta o surgimento de um “novo” catolicismo – marcadamente midiaticizado.

A midiaticização da religião, portanto, envolve um processo histórico em que as mídias passam a ser fonte de religiosidade, indicando uma transformação religiosa e articulando-se com novas tendências religiosas, mudando o catolicismo, em nosso caso de estudo, e sendo mudadas por essa relação. Mediante a midiaticização, o catolicismo vai sendo crescentemente subsumido sob lógicas midiáticas, em termos institucionais, simbólicos e individuais. Neste artigo², como eixo central de estudo desse fenômeno, analisaremos o caso @Pontifex³, a conta da instância máxima do catolicismo no Twitter durante o pontificado de Bento XVI, com foco central em sua versão em português⁴. Com esse gesto pontifício, essa “rede de informação em tempo real que conecta você às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que há de mais interessante”⁵ passava também a conectar os usuários ao líder máximo dos católicos e às “histórias, ideias, opiniões e notícias” de Bento XVI.

Desde o lançamento da conta, no dia 03/12/2012, até a sua desativação temporária⁶ após a renúncia de Bento XVI ao pontificado, no dia 28/02/2013, temos uma temporalidade específica que caracteriza o caso @Pontifex sob Bento XVI. Nossa análise da presença do Papa Bento XVI no Twitter nasce de pistas, marcas, signos, rastros que observamos e que nos afetam. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Para além da análise do discurso pontifício digital, interessa-nos também perceber a circulação do “católico” e a reconstrução sociocultural das práticas de sentido religiosas nas redes digitais, especialmente a partir do anúncio

de renúncia de Bento XVI. As interações entre os internautas, com a ou a partir da conta @Pontifex, são uma superfície visível para a observação indiciária, que aqui buscamos transformar em dizível: minúsculas particularidades que podem ser pistas para reconstruir grandes transformações, pois, “quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos” (Ibid., p.169).

Como conclusão, aponta-se que o fenômeno religioso, e também a vida social em geral, se reconfigura nas redes sociodigitais, mediante usos sociais específicos das plataformas digitais, que dão origem a práticas socioculturais características de sociedades em mediatização, organizadas naquilo que chamamos de dispositivos conexiais.

A conta @Pontifex e a reconstrução sociocomunicacional do “católico”

No dia 03/12/2012, foi lançada a conta oficial em inglês de Bento XVI no Twitter com o nome de usuário @Pontifex (“construtor de pontes”, em latim). Foram lançadas também outras oito versões para outros idiomas (espanhol, português, italiano, francês, alemão, polonês, árabe e latim), que traduziam e republicavam os conteúdos. Até o seu último tuíte, 84 dias depois, Bento XVI reuniu mais de 3 milhões de seguidores (a conta mais seguida era a versão em inglês, com mais de 1,63 milhão)⁷. Contudo, havia somente oito “seguidos” por parte de Bento XVI no Twitter, ou seja, outros usuários de quem o papa receberia as atualizações: apenas as oito demais personas linguísticas da conta @Pontifex.

Aqui, analisaremos o caso @Pontifex a partir de três âmbitos centrais: a plataforma Twitter e a sua apropriação eclesial; a conta @Pontifex e a práxis comunicacional do Papa Bento XVI no Twitter; e a reapropriação e reconstrução de construtos sociais católicos no Twitter a partir da renúncia de Bento XVI.

A apropriação eclesial

Nos nove dias desde a entrada do pontífice no Twitter até a publicação da sua primeira mensagem, a conta permaneceu ativada (existia e era acessível), embora não fosse ativa (nenhuma mensagem havia sido publicada). Nesse intervalo de tempo, os usuários foram convidados, por meio de outros meios de comunicação do Vaticano, a enviar perguntas sobre a fé ao papa usando a *hashtag*⁸ #askpontifex (“pergunte ao papa”), criada pela Santa Sé para esse fim. Na história do Twitter, as *hashtags* foram uma invenção social⁹ sobre os protocolos da plataforma, demarcando palavras-chave associadas a algo específico (pessoa, evento, data, notícia) antecederidas pelo símbolo “#”. Embora a plataforma condicione determinados padrões de interação social, as invenções sociais fazem com que esses padrões evoluam, podendo dar origem, posteriormente, a modificações na própria arquitetura da plataforma. Exemplo disso é que, a partir de 2009, o Twitter passou a lincar as *hashtags*, possibilitando a sua busca nos mecanismos do próprio Twitter ou do Google, criando comunidades de interesse em torno delas. Essa prática social foi acentuada em 2010 com a introdução pelo Twitter dos Trending Topics, ou seja, a listagem dos assuntos mais comentados da plataforma em nível mundial ou nacional¹⁰.

Portanto, com a criação da hashtag #askpontifex, a Igreja se apropriou de uma funcionalidade técnica do Twitter, possibilitando um canal de conversação dos usuários com o papa. Essa conversação, contudo, era marcada por um “desnível” interacional: o usuário era convidado especificamente a perguntar algo sobre a fé ao papa, sendo este o detentor da sabedoria e da autoridade para responder. O usuário era convidado pela Igreja a manifestar apenas a sua dúvida sobre a fé, embora, social e inventivamente, ele não se limitasse nem à temática (fé), nem à modalidade (perguntas) propostas.

Mediante esse protocolo específico de uso da hashtag #askpontifex, estabelecia-se uma nova modalidade de “comunidade religiosa”, congregando pessoas segundo um interesse comum na pessoa do papa e na sua sabedoria e autoridade. No caso abaixo, vemos uma apropriação social da hashtag #askpontifex pelo usuário “Alan Van Tine”. O internauta se dirige ao Papa Bento XVI para pedir que o pontífice reze pela sua filha Yamila, que iniciou uma quimioterapia, inserindo um link para uma foto de sua filha no leito do hospital (FIG. 1).



Figura 1 - Uso da hashtag #askpontifex no Twitter

Fonte: <<https://twitter.com/VanTine3/status/275654738723340289>>

Com o seu tuíte, o internauta dá ao Twitter uma funcionalidade não prevista, ou seja, transforma-o em ambiente para a prática religiosa e o pedido de orações. O usuário também se reapropria de uma regularidade discursiva (a função específica da hashtag #askpontifex para dirigir “perguntas sobre a fé” ao papa) e a “subverte”, escrevendo um pedido ao pontífice (e não uma pergunta) sobre algo pessoal, sobre a sua fé pessoal (e não sobre a fé em geral). Embora se dirigindo “direta” e pessoalmente ao papa (“por favor, reze pela minha filha...”), seu pedido é mediado por toda a interface sociotécnica do Twitter (seus protocolos, limites e possibilidades discursivas), tornado público para toda a rede. Entretanto, dificilmente seria realmente lido pelo papa, visto que os tuítes não eram nem escritos, nem enviados por Bento XVI: cabia ao papa apenas aprovar as mensagens, escritas previamente e enviadas posteriormente pelos responsáveis da comunicação vaticana¹¹. Além disso, segundo os protocolos do Twitter, essa intenção particular (a saúde da filha do usuário) entraria no fluxo circulatório do Twitter e se tornaria pública não apenas para os seguidores desse perfil específico, mas também para qualquer pessoa, pois, ao fazer uso da hashtag #askpontifex, sua mensagem recircula em novos fluxos e circuitos de sentido.

O que esse caso expõe é que as redes sociodigitais possibilitam um adensamento ainda maior das redes sociais já estabelecidas: por meio do Twitter, somos “amigos” do papa e nos comunicamos “diretamente” com ele e também com uma comunidade de interesse específica (congregada pelo termo #askpontifex e pela conta @Pontifex). Por sua vez, a produção de sentido da sociedade ultrapassa criativamente os limites interacionais e simbólicos (propostos pela Igreja) e tecnológicos (protocolados pelo Twitter), reconstruindo práticas e discursos católicos.

Sinal da circulação e reconstrução frequente de sentidos por parte da sociedade é que a hashtag #askpontifex continuava ativa mesmo depois da renúncia de Bento XVI ao pontificado. Nesse caso, os usuários retomaram a hashtag criada especificamente para uma função (fazer perguntas ao papa sobre a fé) e passaram a utilizá-la para fazer perguntas ou comentários relativos à abdicação do pontífice (envolvendo, também, pontos polêmicos, como a questão financeira do Vaticano ou a pedofilia). E cada mensagem enviada trazia consigo uma reconstrução do sentido do “católico”, que recirculava nas redes pessoais de cada pessoa que fazia as postagens, pois cada usuário, embora pertencendo a uma rede específica no Twitter (formada pelos usuários a quem ele segue e pelos quais é seguido), também estava reconectado a outras redes dos seus outros seguidores ou seguidos, complexificando a circulação comunicacional. Ou seja, cada fluxo pessoal é único e complexo, composto por muitas redes, e muitas vezes “cacofônico”, misturando diversos tipos de conteúdo.

Embora detentor do poder “ordinário, supremo, pleno, imediato e universal sobre a Igreja”, como indica a lei máxima da Igreja (Código de Direito Canônico), o papa, ao entrar no Twitter, se submeteu às mesmas regras que os demais usuários. Para a plataforma, portanto, quer seja

papa, quer seja um usuário comum, as regras e os protocolos são os mesmos, sejam eles estipulados pela própria plataforma, ou negociados entre os usuários. Mesmo com todo o poder eclesial nas mãos, Bento XVI não podia, por exemplo, enviar um tuíte com 141 caracteres, já que a plataforma só possibilita mensagens com no máximo 140.

Por outro lado, como máxima autoridade da Igreja – sendo um fortíssimo hub (ou conector) de interações na grande rede –, ao entrar na rede de microblogging, Bento XVI se somou aos cálculos da plataforma como um perfil a mais. Ao passar a seguir a conta @Pontifex, a plataforma indicava ao usuário-seguir outras contas semelhantes que poderiam ser de seu interesse. Para chegar a esses resultados cruzados, o Twitter realiza uma complexa combinação de dados do perfil do usuário-seguir e do perfil do usuário seguido, neste caso o @Pontifex. Em alguns casos, o resultado do cruzamento de dados chamava a atenção (FIG. 2).



Figura 2 - Sugestões de perfis semelhantes ao @Pontifex, como Serginho Groisman e Edir Macedo

Fonte: Twitter.com

Para os protocolos do Twitter, Bento XVI era um perfil semelhante ao de Serginho Groisman, jornalista e apresentador da Rede Globo de Televisão, e de Edir Macedo, bispo e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, grande “concorrente” da Igreja Católica no Brasil. Embora sendo resultado de um algoritmo computacional, é interessante perceber que as conexões de dados que resultaram nessa sugestão revelam uma construção social que articula figuras religiosas centrais no contexto brasileiro às lógicas midiáticas.

A plataforma do Twitter também coleta e usa diversas informações dos usuários – e de seus seguidores – para medir e melhorar seus serviços. Mas esses dados também podem ser úteis a empresas (ou à própria Igreja) “para compartilhar informações de forma rápida com as pessoas interessadas em seus produtos e serviços, para coletar sugestões e informações do mercado [religioso] em tempo real, e construir relacionamentos com clientes, parceiros e pessoas influentes [e fiéis]”⁷. Embora sendo um perfil a mais, um banco de dados como o da conta @Pontifex (e seus derivados idiomáticos), com milhões e milhões de perfis reunidos e cadastrados como seguidores, oferece à empresa Twitter – e também à Igreja – enormes possibilidades em termos de acompanhamento do Zeitgeist sobre o mundo em tempo real, de construção de relacionamentos com os fiéis, de mineração de dados, de publicidade etc., pois um único tuíte pontifício se insere simultaneamente nos mais diversos e múltiplos fluxos individuais e coletivos. Assim, como indica a plataforma, o Twitter torna-se “uma oportunidade de atingir um público alvo”, também para a Igreja.

Após sua renúncia no dia 11/02/2013 e o fim do papado de Bento XVI oficialmente no dia 28/02/2013, iniciava-se o chamado período de sede vacante, quando o trono papal está vazio. Coube à Santa Sé reconstruir simbolicamente essa “ausência digital” do papa na plataforma do Twitter (FIG. 3).



Figura 3 - Conta @Pontifex após saída de Bento XVI do papado

Fonte: Twitter.com

Embora mantendo ativa a conta @Pontifex, a Igreja deletou todos os tuítes anteriores de Bento XVI (o que levou o sistema a zerar a contagem de tuítes e a informar que “@Pontifex ainda não tweetou”) e os armazenou

em uma página específica dentro do site de notícias da Santa Sé¹². A conta também foi renomeada com o termo “Sede Vacante” (Sé Vaga). Assim, uma configuração interna da Igreja (a morte/renúncia de um papa e o trono vazio tornam a “sé vacante”) foi ressignificada no ambiente digital: a “sé digital” da Igreja (a conta @Pontifex) também passava a estar vaga.

Com a eleição do Papa Francisco no dia 13/03/2013, a conta foi reativada com a publicação de um tuíte logo depois que a famosa “fumaça branca” havia saído da chaminé do Vaticano, anunciando a eleição de Jorge Mario Bergoglio: “HABEMUS PAPAM FRANCISCUM” (“Temos Papa Francisco”). Contudo, tratava-se de um “lapso” na conta @Pontifex, visto que não se tratava de uma afirmação do próprio Francisco, mas sim uma mensagem dos administradores da página. O primeiro tuíte de Francisco seria enviado apenas no dia 17/03/2013.

@Pontifex e a práxis comunicacional de Bento XVI

Com grande repercussão midiática, a primeira postagem de Bento XVI no Twitter só ocorreu nove dias depois da sua entrada na plataforma, ou seja, no dia 12/12/2012. Seu primeiro tuíte já explicitava a modalidade comunicacional proposta. O texto dizia: “Queridos amigos, é com alegria que entro em contato convosco via twitter. Obrigado pela resposta generosa. De coração vos abençoo a todos”. Dessa forma, o papa se alegrava por “entrar em contato via Twitter” com os seus “queridos amigos”, sejam quem fossem, visto que qualquer pessoa – independentemente da filiação religiosa – podia “seguir” o papa mediante essa plataforma. O papa também acenava para a “resposta generosa” do seu leitorado, pois, no intervalo desses nove dias entre a entrada na plataforma e a sua primeira mensagem, a sociedade mundial como um todo, via Twitter, já construía sentidos sobre o histórico gesto do papa de entrar em uma rede social digital com um perfil pessoal. O papa demonstrava, assim, que estava atento ao que se passava no Twitter. E, inovando a prática religiosa na era digital, Bento XVI também enviava, na mesma mensagem, “de coração”, a sua “benção a todos” via Twitter, prática que se repetiu no dia 01/01/2013, quando o papa tuitou: “Que o Senhor vos abençoe e proteja no novo ano”.

Com a presença digital do pontífice no Twitter, a instituição-Igreja realizou uma reapropriação dessa rede, visando a estabelecer uma nova modalidade de diálogo com a cultura contemporânea marcada pelas mídias digitais. Ainda no dia da sua primeira mensagem, o papa publicou outros seis tuítes, dos quais três eram perguntas que lhe foram enviadas pelos seus seguidores a partir da convocação da hashtag @askpontifex (1. “Como podemos viver melhor o Ano da Fé no nosso dia a dia?”; 2. “Como viver a fé em Jesus Cristo em um mundo sem esperança?”; 3. “Algumas sugestões para conseguir orar mais quando estamos tão ocupados com as solicitações de trabalho, da família e da sociedade?”), sem a indicação de quais seguidores haviam enviado as questões. A cada uma delas, o papa respondeu com um tuíte, sempre com um teor de conselho prático ou reflexivo sobre a vivência da fé. Ao postar as perguntas

dos usuários ou perguntas próprias do pontífice, a conta estimulava um debate social entre os usuários, mas que dificilmente encontrava sua expressão como diálogo pessoal com o pontífice, que não estabelecia interações individuais com os usuários.

No total, desde o seu primeiro tuíte até a sua última postagem no dia 28/02/2013, Bento XVI enviou 37 tuítes na versão em português (média diária de 0,49 tuíte)¹³. Em todos esses tuítes, a conta @Pontifex postava mensagens centradas majoritariamente em temáticas relacionadas à Igreja e à fé católica. Em seus tuítes em português, os cinco termos mais repetidos pelo papa em as suas mensagens foram: “Deus” (16), “Jesus” (9), “sempre” (8), “Senhor” (7), “vida” (7). Em geral, a linguagem papal se limitava a textos puros, sem recorrer a outras funcionalidades da plataforma: a conta @Pontifex nunca respondeu a uma mensagem diretamente a outro usuário específico nem fez referência a outro seguidor; nunca enviou um “RT” (ou seja, um ReTweet, republicação de um tuíte alheio na própria rede pessoal); nunca postou uma hashtag (a #askpontifex foi divulgada apenas por outros órgãos de comunicação da Santa Sé); nunca indicou algum link interno ou externo ao Twitter; e nunca postou um vídeo ou foto quaisquer.

A linguagem, em geral, era marcada pelo tom professoral e magisterial (“Quando negas Deus, negas a dignidade do homem. Quem defende Deus, está a defender o homem” [21/12/2012]), com muitos conselhos com verbos no imperativo (“Dialoga com Jesus [...]” [12/12/2012], “Oferece tudo o que fazes ao Senhor [...]” [12/12/2012]). Em outros casos, a perspectiva do diálogo com o leitor era subsumida em tuítes escritos na terceira pessoa do plural, de forma a envolver o fiel (“Nós não possuímos a verdade, é a Verdade que nos possui a nós [...]” [21/12/2012]; “Se tivermos amor ao próximo, conseguiremos descobrir a face de Cristo no pobre [...]” [16/01/2013]). Em outros casos ainda, a linguagem de Bento XVI era pessoal e íntima, como quando contou em um tuíte a tradição natalina de sua família: “Dava-me grande alegria construirmos, juntos, o presépio em casa [...]” (21/12/2012). Com essas modalidades discursivas, a conta @Pontifex reatualizava práticas religiosas (como a bênção) e ressignificava o discurso pontifício para a era digital.

No dia 11/02/2013, ocorreu o anúncio da renúncia de Bento XVI ao papado. O gesto histórico gerou enorme repercussão midiática e social. Um dia antes, preparando o gesto, Bento XVI tuitou: “Devemos ter confiança na força da misericórdia de Deus. Embora sejamos todos pecadores, a sua graça nos transforma e renova”. Sua saída definitiva do pontificado ocorreu no dia 28/02/2013. Seu tuíte de despedida, no mesmo dia, dizia: “*Obrigado pelo vosso amor e o vosso apoio! Possais viver sempre na alegria que se experimenta quando se põe Cristo no centro da vida*”.

O acontecimento-renúncia e a repercussão social

Ao entrar no Twitter, o papa passou a estar ao alcance de um clique, sobre cujo perfil a sociedade podia derramar todos os sentidos culturais possíveis – e publicamente. Assim, ao longo do tempo, entre um tuíte e outro, Bento XVI se colocou em meio ao cruzamento de sentidos sociais que varre o Twitter. Mas sua presença no Twitter não pressupôs necessariamente uma perda de autoridade em nível social, pois, para seus seguidores católicos, o pontífice não ficou privado do seu “poder” religioso no Twitter; ao contrário, ganhou ainda mais prestígio por estar “atento aos sinais dos tempos” e conquistou credibilidade na rede Twitter devido ao crescente número de seguidores congregados na conta @Pontifex.

O que se “perdeu”, porém, foi justamente o controle sobre a imago publica católica digital. A imagem do papa e o sentido do “católico” agora passavam a estar nas mãos – publicamente – de toda a sociedade em conexão, que os reconstruíam em suas interações com e para além da conta @Pontifex, com posturas positivas e também negativas para a Igreja¹⁴. E isso ficou ainda mais marcante no dia 11/02/2013, dia do anúncio da renúncia de Bento XVI ao papado¹⁵. Além da enorme repercussão midiática e social, a rede sociodigital do Twitter também se tornou palco de um debate mundial sobre o acontecimento. Termos nas mais diversas línguas (como #elpapadimite, #pope, #dimissioniPapa, #Joseph Ratzinger, #Habemus Papam, #Pontificado), relacionados ao papa, à Igreja e à renúncia, logo subiram aos primeiros lugares da lista dos tópicos mais comentados do Twitter em todo o mundo.

Depois da saída oficial do pontificado, no dia 28/02/2013, embora os tuítes de Bento XVI tenham sido “deletados” das contas @Pontifex e repassados para o arquivo da página News.va, a circulação sociocomunicacional incessante do Twitter constantemente reatualizava a imago de Bento XVI mediante os rastros de seus tuítes ainda em circulação na rede e mediante as referências ao usuário @Pontifex. Nos dias em que ficou desativada, portanto, a conta permaneceu “ativa(da)” na circulação comunicacional, continuando a agregar seguidores e a congregar circuitos de produção de sentido. A conta @Pontifex, mesmo que em “sé vacante”, continuava circulando pela rede a partir de seus rastros digitais reevocados nas interações sociodigitais. Embora já “papa emérito”, retirado e aposentado, Bento XVI continuava sendo @Pontifex: não havia mais tuítes oficiais dessa conta, mas sim tuítes a partir dessa e sobre essa conta, reconstruindo os sentidos já “arquivados” pela Igreja e reforçando a centralidade dos processos circulatorios na comunicação digital hoje.

A partir da renúncia papal, diversas modalidades de reconstrução da imagem papal e do “católico” despontaram no Twitter. A plataforma foi reapropriada pela própria sociedade para dar origem a novos usos e práticas socioculturais de reconstrução de sentido. Assim, além de novos usos técnicos (ressignificação de funcionalidades como as hashtags) e práticas sociais (rituais religiosos como a bênção papal), a plataforma do Twitter também foi palco de uma reconstrução sociossimbólica de sentidos, com a circulação de imagens diversas a respeito da renúncia, tanto positivas (FIG. 4), quanto negativas (FIG. 5), ou bem-humoradas (FIG. 6).

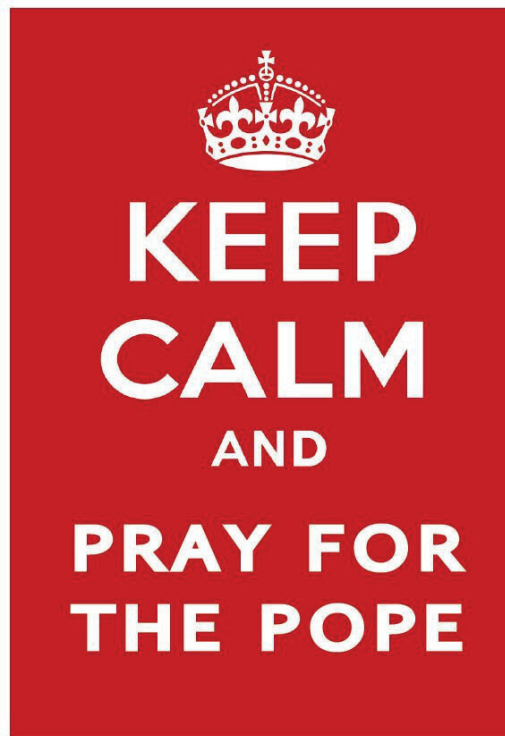


Figura 4 - “Mantenha a calma e reze pelo papa”

Fonte: <<http://migre.me/dyzSp>>



Figura 5 - “Mateus 19:21. Jesus respondeu: ‘Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me’.

Você está fazendo isso errado, estúpido!”

Fonte: <<http://migre.me/dyzT9>>



Figura 6 - “Foda-se! Eu saio!”

Fonte: <<http://twitpic.com/c3fpit>>

Na FIG. 4, a ressignificação da expressão “Keep calm”¹⁶ para um fim religioso adquire um papel de congregador de fiéis em oração pelo papa, dando origem a uma nova modalidade de prática religiosa na cultura digital. Por outro lado, como vemos na FIG. 5, os usos sociais do Twitter o levam a se tornar um ambiente de denúncia social e pública contra a Igreja e seu poder e riqueza, contrastando a imagem do trono papal à de uma criança faminta. Já na FIG. 6, trata-se de uma crítica social mediante o humor, ao retratar as dificuldades do pontífice para segurar suas vestes contra o vento.

No Twitter, portanto, Igreja, fiéis e não fiéis (ou até mesmo “infieis”) passam a tomar o “católico” – aqui representado pela sua figura máxima, o papa – como eixo de suas interações, revelando um processo de mediatização da religião por parte da instituição e dos indivíduos. A mediatização, portanto, exponencia e complexifica também outros processos sociais interligados, em que vemos que a Igreja passa a não ter domínio total de sua imagem pública, pois inúmeras “vozes” passam a falar sobre o “católico”, acrescentando sua própria reconstrução simbólica a esse construto emergente das conexões digitais.

Nas redes sociodigitais, podemos perceber que, para além da “produção” eclesial histórica e tradicionalmente concebida sobre o “católico”, os indivíduos “re-produzem” culturalmente o que foi produzido pela instituição e também produzem por si mesmos sentidos relativos à instituição – que por sua vez os “re-produz”, e assim por diante, aumentando o fluxo de circulação comunicacional. Produção/construção e transformação/circulação estão intimamente ligadas, e se acoplam e se organizam mediante interfaces e protocolos específicos¹⁷, que aqui chamamos de dispositivos conexiais.

Dispositivos conexiais e a sociotecnicidade das redes digitais

Nos ambientes online de sociabilidade como o Twitter, as práticas da sociedade (indivíduos ou instituições) trazem consigo lógicas e estratégias midiáticas, envolvendo também o âmbito religioso, como vimos no caso @Pontifex. O religioso passa a circular nos meandros da internet por meio de uma ação não apenas do âmbito da “produção” eclesial, mas também mediante uma ação comunicacional dos inúmeros pontos (usuários) da rede. Não apenas as corporações midiáticas, nem somente as instituições eclesiais, mas também a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos da internet, falam sobre o “religioso” – em um processo simultâneo de “procepção” (produção-recepção) e “prossumo” (produção-consumo).

Mas as práticas socioculturais em redes digitais não ocorrem automaticamente. Toda rede é uma ação de conexão, um trabalho em rede (network); ou seja, as conexões não existem “em si mesmas”, mas são construídas e mantidas constantemente pela ação social de comunicação e também pela ação técnica das plataformas. Redes não são necessariamente sociais, assim como redes sociais não são necessariamente digitais. Por isso é necessário estar atento às estruturas das conexões, aos padrões das interconexões que ocorrem em redes sociodigitais específicas e que se manifestam nos dispositivos conexiais.

Na internet, tecnologia transformada em “meio de comunicação, de interação e de organização social” (CASTELLS, 2005, p.257), manifestam-se “determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação” (BRAGA, 2011, p. 5) na e entre a sociedade. Esses sistemas de relações se organizam “social e praticamente como base para comunicação entre participantes” (Ibid., p. 11). Pela centralidade da noção de “conexão” nas interações online, chamamos essas matrizes de dispositivo conexial.

O dispositivo tem “a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2005, p. 13). Os dispositivos dispõem o mundo e a sociedade; o mundo e a sociedade dispõem os dispositivos; e por meio deles a sociedade dispõe o mundo. Por outro lado, a “essência de toda rede” é precisamente a conectividade (KERCKHOVE, 1998, tradução nossa). Para o autor, a internet é “o meio [medium] conectado por excelência, é a tecnologia que torna explícita e tangível essa condição natural da interação humana” (Ibid., p. xxx, tradução nossa). O conectado se tornou uma alternativa ao individual e ao coletivo. Assim, as conexões (aqui entendidas como interações sociotécnicas específicas do ambiente digital) são geradoras de formas e de organização, são uma noção intermediária entre desordem, ordem e organização. Os dispositivos conexiais, portanto, fazem a mediação das interações socioculturais em rede, possibilitando a própria existência da sociedade conectada por meio de trocas mais ou menos reguladas entre os indivíduos. Trata-se de um sistema sócio-técnico-simbólico heterogêneo de interfaces e protocolos que possibilita a conexão digital e organiza a comunicação entre os agentes em rede, sejam eles indivíduos ou instituições.

No caso do Twitter, sem o seu dispositivo conexial, marcado por uma interface específica e por protocolos previamente estabelecidos, não teríamos qualquer tipo de ordem ou regularidade internas na complexidade das conexões entre os usuários; em suma, não teríamos uma rede sociodigital. Embora esta seja marcada por uma interconexão instável e variável, o dispositivo conexial estabelece as suas regras e padrões de funcionamento. Trata-se, portanto, de um ordenador de dupla ordem (cf. MORIN, 2008): o dispositivo conexial ordena as conexões, estabelecendo possibilidades de interação, e dá ordens aos agentes em conexão, estabelecendo limites para tais conexões. Dessa forma, as redes sociodigitais existem enquanto relações de poder, mediante ações construcionistas dos agentes em conexão a partir dos limites e possibilidades (e possíveis subversões) do dispositivo conexial. São essas configurações sociais e técnicas que fornecem as bases para a midiaticização digital da sociedade.

Dessa forma, indo além de uma análise meramente tecnológica ou computacional das chamadas “redes sociais”, reconhecemos que a essência das redes não está na rede, mas em seus complexos modos de apropriação e de reconfiguração por parte da sociedade, a partir dos limites e possibilidades do dispositivo conexial, que estabelece redes complexas de circulação comunicacional. Nelas, os sentidos religiosos circulam midiaticamente pela sociedade, moldando a cultura religiosa. Na sociedade em midiaticização, portanto, geram-se “novas estruturas e dinâmicos feixes de relações entre produtores e receptores de discursos” (FAUSTO NETO, 2010, p. 6). A sociedade trabalha sobre o que está em circulação e faz circular aquilo sobre o qual trabalha simbolicamente dentro das – ou subvertendo as – possibilidades do dispositivo conexial, como no caso da apropriação do Twitter pela Igreja com a conta @Pontifex e da reapropriação do “católico” em circulação por parte dos usuários em geral. Por isso, pode-se dizer que a circulação é o “dispositivo central” do processo de comunicação (Ibid., 2010).

A vida social como um todo, incluindo o fenômeno religioso, se reconfigura nas redes sociodigitais. Assim, a conta @Pontifex torna-se uma interface dos atuais processos da midiaticização digital da religião, em que uma instituição multissecular como a Igreja se apropria de uma mídia contemporânea para realimentar sua dinâmica social, no caldo de novas práticas sociais embebidas em lógicas midiáticas.

Referências bibliográficas

- AAGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, Florianópolis, nº 5, 2005. Disponível em <<http://migre.me/dhjAU>>
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. *Anais do XX Encontro da Compós*. Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://migre.me/a2lp6>>.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade. In: MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização, cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005, pp.225-287.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: _____; VALDETTARO, Sandra. *Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario: UNR, 2010. Disponível em <<http://migre.me/dhjmM>>.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.143-179.

KERCKHOVE, Derrick de. *Connected intelligence: The arrival of the web society*. Londres: Kogan Page, 1998.

MORIN, Edgar. *O Método 1: A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

Notas

1. Em duas das principais redes sociodigitais, o Twitter e o Facebook, essa expressão encontra-se *ipsis litteris* em suas páginas principais. O Twitter afirma: “Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam” (grifo nosso). Já no Facebook, o usuário se depara com a seguinte pergunta: “O que está acontecendo, [nome do usuário]?”.
2. O interesse pelo “católico” se deve à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica, especialmente no Brasil. Segundo o IBGE, os católicos ainda são a maioria religiosa do país, com 64,6% da população em 2010. Dados disponíveis em: <<http://migre.me/ddYsQ>>
3. Disponível em <<https://twitter.com/Pontifex>>
4. Disponível em <https://twitter.com/Pontifex_pt>.
5. Disponível em <<https://twitter.com/about>>.
6. Daí também a razão da Santa Sé de criar um usuário genérico (Pontifex), e não algo relativo especificamente a Bento XVI: dessa forma, a estratégia da Igreja é manter o mesmo usuário para quaisquer pontífices que venham a querer fazer uso do Twitter depois de Bento XVI, que o inaugurou.
7. Em outubro de 2013, sob o pontificado de Francisco, em menos de um ano de existência, as contas @Pontifex já somavam quase 10 milhões de seguidores, e a mais seguida era a versão em espanhol, com quase 4 milhões de seguidores. Apenas a título de comparação, Bento XVI deixou a conta @Pontifex_pt, em português, com pouco mais de 93 mil seguidores. Em outubro de 2013, Francisco já congregava mais de 827 mil seguidores em língua portuguesa.
8. Indexadores automáticos de palavras-chave que também servem como filtro de busca no Twitter.
9. É o próprio Twitter que informa que “as pessoas usam o símbolo # da hashtag antes de uma palavra-chave ou frase relevante (sem espaços) em seu tuíte para categorizar esses tuítes” (grifo nosso). Disponível em <<http://migre.me/diQiC>>.
10. Dados disponíveis em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Hashtag>>

11. Como se pode ver no envio de seu primeiro tuíte (vídeo disponível em <<http://youtu.be/tty87WDBukk>>), Bento XVI tem pouca familiaridade com as tecnologias digitais – diversos comentaristas confirmam que seus livros sempre foram escritos à mão.
12. Disponível em <http://www.news.va/en/twitter_archive>
13. Apenas a título de comparação, o Papa Francisco, até o dia 17 de outubro de 2013, havia publicado 168 tuítes, com uma média diária de 0,78 tuíte
14. Razão pela qual o Santo Ofício e a Inquisição teriam um trabalho geometricamente multiplicado se quisessem promover uma “caça aos hereges” contemporânea nas redes digitais
15. O próprio acontecimento social e midiático da renúncia teve como foco desencadeador um tuíte da jornalista italiana Giovanna Chirri (@GiovannaChirri), da agência Ansa, que estava acompanhando um rotineiro discurso de Bento XVI aos cardeais da Igreja Católica, quando, em latim, o papa fez o histórico anúncio. Conhecedora do idioma, ela logo postou o tuíte com a notícia (disponível em <http://goo.gl/AdgRq5>) juntamente com uma nota para as principais agências de notícias do mundo.
16. O cartaz original (Keep calm and carry on; “Mantenha-se calmo e siga em frente”) foi usado em 1939, na Inglaterra, durante a II Guerra Mundial para acalmar a população. Cf. <http://migre.me/diS85>.
17. A própria história da internet, a história do desenvolvimento da www é marcada por uma fusão entre um protocolo e uma interface específicos. Em janeiro de 1983, ocorreu a migração definitiva da velha rede Arpanet (tecnologia criada no fim dos anos 1960) para o novo protocolo TCP/IP, que permitia a troca de informações entre todas as redes digitais. E, um ano depois, em janeiro de 1984, foi apresentado o Macintosh, o primeiro computador com interface gráfica (tecnologia também criada no fim dos anos 1960) a ter sucesso comercial. Com a fusão de ambos, o desenvolvimento da internet como a conhecemos hoje ganhava um forte impulso.